

Cartas do Coronel Francisco Gomes Vieira: notícias de um acervo familiar

*Colonel Francisco Gomes Vieira's letters: news from a
private collection*

Sílvio de Almeida Toledo Neto *

Amanda Valéria de Oliveira Monteiro **

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: O objetivo deste trabalho é dar notícia da constituição de um valioso acervo de cartas particulares, da família Gomes Vieira, doado ao Arquivo Histórico de Taubaté. A partir da transcrição de três cartas da segunda metade do século XIX, que integram o acervo, descrevem-se algumas de suas características filológicas.

Palavras-chave: Filologia. Cartas particulares. Português paulista. Século XIX. Edição semidiplomática.

Abstract: The purpose of this essay is to present a valuable collection of private letters, of Gomes Vieira's family, donated to the Arquivo Histórico Felix Guisard Filho, in Taubaté. This essay presents the semidiplomatic edition and describes some philological aspects concerning three letters of this collection, that were written on the second half of the nineteenth century.

Keywords: Philology. Personal letters. São Paulo Portuguese. Nineteenth century. Semidiplomatic edition.

* Professor doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; tolnets@gmail.com

** Mestre em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; amandav.oliveira@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A análise e a crítica de fontes textuais do passado, sob uma perspectiva filológica, pressupõem que se procure responder *onde e quando* os textos foram escritos e *quem* os escreveu ou mandou escrever¹. Essas informações são fundamentais não só para os estudos filológicos, como também para os estudos de história da língua, porque ajudam a situar as fontes textuais em seu devido contexto histórico e permitem responder, mais precisamente, a questões específicas, referentes, por exemplo, ao suporte material, aos hábitos de escrita, ou ao “grau de correspondência e de identificação entre o texto e o dialecto falado no local e na época em que ele foi escrito” (Castro, 2006, p. 79). Há textos que, por características inerentes ao próprio gênero a que pertencem, trazem essas informações explícitas (onde, quando e quem), como é o caso das cartas².

No caso das cartas particulares, nas quais se concentra este trabalho, há normalmente coincidência entre o autor intelectual e o autor material do texto; trata-se geralmente de documentos autógrafos, datados e subscritos. Podemos, portanto, nesse caso, recuperar com significativa precisão a data (dia, mês, ano), o local e a autoria do texto. Encontrar cartas particulares satisfatoriamente preservadas, no entanto, é tarefa que aumenta em dificuldade à medida que se recua no tempo, ainda mais quando se trata de um conjunto de manuscritos produzidos no âmbito de uma mesma família³.

O acervo do Coronel Francisco Gomes Vieira⁴ foi doado em 2011 ao Arquivo Histórico Municipal Felix Guisard Filho, de Taubaté, e compõe-se de cartas, revistas, livros e documentos, datados de finais do século XIX até meados do século XX. Provém da Fazenda Quilombo, em Taubaté. Um total de oitenta e sete cartas particulares manuscritas integra o acervo. Foram escritas

1 A perspectiva filológica adotada ao longo deste trabalho fundamenta-se, entre outros autores, em Stussi (2007).

2 As características acima referidas quanto ao gênero epistolar têm levado pesquisadores de diferentes projetos, nacionais e estrangeiros, a escolherem as cartas como objeto de análise. Citem-se como exemplo, em âmbito lusófono, o *Projeto de História do Português Paulista II (PHPP II)* (<http://php.fflch.usp.br>) e o Projeto *CARDS* (<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/179-c-a-r-d-s-cartas-desconhecidas-unknown-letters>).

3 O hábito de corresponder-se difunde-se na Europa e Américas a partir do século XVIII, ampliando-se ao longo do século XIX. Acompanha o aumento da alfabetização e o hábito de leitura, tornando-se as cartas pessoais objeto de coleção e de moda (Malatian, 2009, p. 196).

4 O Coronel Francisco Gomes Vieira (*15/12/1847-†03/01/1934) foi político e fazendeiro na cidade de Taubaté, entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX.

entre 1880 e 1941. Sessenta e quatro datam do século XIX, quinze, do século XX e oito não estão datadas⁵.

O principal destinatário das cartas desse acervo é o Coronel Francisco Gomes Vieira, antigo proprietário da fazenda Quilombo. Há também missivas destinadas à esposa do Coronel, Maria Guimarães Vieira, ao filho Luiz Guimarães Vieira e a outros membros da família. Muitos dos remetentes pertencem à família de Maria Guimarães Vieira, os Granadeiro Guimarães, residentes no Rio de Janeiro. São variadas as datas típicas da correspondência. Do Brasil, há cartas procedentes, por exemplo, de Jacareí, Niterói, Petrópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Taubaté e Ubatuba; da Europa, há cartas enviadas, por exemplo, de Edimburgo, Faro, Lisboa, Paris e Roma.

A transcrição e a publicação das cartas datadas, ou datáveis, do século XIX encontra-se atualmente em preparação, sob os cuidados de Amanda Valéria de Oliveira Monteiro. Nos moldes do trabalho que vem sendo desenvolvido pela pesquisadora, apresentam-se neste artigo a descrição de aspectos filológicos e a transcrição integral de três cartas que compõem o acervo em estudo.

A preparação deste acervo documental, como fonte de pesquisa filológica e linguística, dialoga perfeitamente com as pesquisas em andamento no âmbito de projetos como o *Projeto de História do Português Paulista II*, principalmente por contribuir com a edição de corpora diacrônicos do português paulista e com o estudo de gêneros discursivos e de processos de construção textual⁶.

2 DESTINATÁRIO E REMETENTES: ALGUMAS INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS

Uma vez que remetentes e destinatários das cartas do acervo em estudo pertencem a grupo social dos mais prestigiados à época, a elite cafeeira valeparaibana, e pessoas a ela relacionadas, é possível encontrar, em fontes diversas, maiores informações biográficas e genealógicas a seu respeito.

5 A iconografia também enriquece os achados deste acervo. Foram localizadas recentemente no Arquivo Histórico de Taubaté cerca de uma dezena de fotografias da família Gomes Vieira, fruto de doação anterior. A título ilustrativo, incluem-se neste estudo duas das fotografias localizadas, em que estão retratados dois dos autores e o destinatário das cartas transcritas.

6 O *Projeto de História do Português Paulista II* tem como objetivo (a) coletar, organizar e disponibilizar corpora diacrônicos do Português Paulista; e (b) analisar tais corpora em três eixos: (i) estudo da variação e mudança gramatical, dos ângulos funcionalista-cognitivista e gerativista; (ii) estudo da formação das variedades culta e popular na região do Médio Tietê; (iii) estudo de gêneros discursivos e de processos de construção textual, sob as perspectivas crítico-discursiva e textual-interativa.

O Coronel Francisco Gomes Vieira, apelidado de Chiquinho, é o destinatário das três cartas transcritas neste estudo⁷. Filho de Manoel Gomes Vieira, Barão de Pedra Negra, e de Mariana de Camargo, é irmão de: Monsenhor Antonio Gomes Vieira, coadjutor da catedral de Taubaté por cinquenta anos (Passarelli, 1996, p. 98); Manoel Gomes Vieira, Cândida Gomes Vieira e Clara Gomes Vieira⁸.

O Coronel casou-se com Maria Guimarães, filha do Comendador Luiz José da Silva Guimarães, português⁹. Francisco Gomes Vieira e Maria Guimarães tiveram um filho, Luiz Guimarães Vieira, nascido em 1883 (Passarelli, 1996, p. 413). A partir da leitura das Atas da Câmara da cidade de Taubaté, confirma-se que Francisco Gomes Vieira foi vereador desde a Monarquia. Segundo o *Almanack Illustrado* de Taubaté (1905, p. 109), ficamos a saber que o Coronel foi também o primeiro juiz da cidade e presidente da Câmara. Francisco Gomes Vieira pertenceu ao Partido Liberal, no período monárquico. Com a Proclamação da República, prestou serviços ao Partido Republicano Paulista (PRP), sendo presidente desse partido em Taubaté. Num período de quase 30 anos, por sucessivas reeleições, foi provedor da Irmandade da Misericórdia, mantenedora do Hospital de Santa Isabel, de Taubaté (Passarelli, 1996, p. 259). Está sepultado no cemitério da Venerável Ordem Terceira de Taubaté.

A primeira carta foi redigida pelo irmão do Coronel, Manoel Gomes Vieira Júnior, apelidado de Maneco. Foi casado com Maria José¹⁰. Essa é uma das cartas enviadas durante o período em que Maneco esteve na Europa¹¹.

A segunda carta foi redigida por Maria Guimarães Vieira (†04/07/1932), a Filoca, esposa do Coronel, quando se encontrava na Corte. Com base na correspondência com seus familiares, pode-se constatar que Maria morava no Rio de Janeiro e ter-se-á mudado para Taubaté ao casar-se com Francisco. O conjunto de

7 Cf. nota 4 deste trabalho.

8 Leme (1903, v.1, p. 184) informa que Francisco Gomes Vieira casou-se com Maria Guimarães; Manoel Gomes Vieira casou-se com Maria José; Cândida Gomes Vieira casou-se com o Comendador Luiz José Guimarães; e Clara Gomes Vieira casou-se com o Dr. José Marcondes Rodovalho. O mesmo autor fornece ainda valiosas informações genealógicas sobre a família de Mariana de Camargo, cuja ascendência remonta ao Capitão Fernão de Camargo, residente em São Paulo em meados do séc. XVII, filho de Jusepe de Camargo, castelhano, e de Leonor Domingues (Leme, 1903, v. 1, p. 179).

9 Informação sobre o casamento de Francisco e Maria, ocorrido em 29 de novembro de 1879, consta no *Almanack Illustrado* de Taubaté (1905, p. 109).

10 Segundo Leme (1904, v.3, p. 201-202) a família de Maria José remonta a João Gago da Cunha (†1636) e Catarina do Prado, natural de São Vicente (†1649).

11 Em jornal da época, registra-se: “Regresso: Depois de uma demora de treze mezes, em os quaes visitou diversos paizes da Europa, chegou no expresso de 23 o estimado moço Sr. Manoel Gomes Vieira Junior.” (*Gazeta de Taubaté*, 25/09/1884, p. 2).

sua correspondência indica ainda que Filoca sempre retornava à Corte para visitar seus familiares, os quais também iam a Taubaté regularmente. Está sepultada no Cemitério da Venerável Ordem Terceira de Taubaté.

A terceira carta é do punho de Manoel Gomes Vieira (*31/03/1821-†05/10/1902), Barão de Pedra Negra, pai do Coronel. Abastado cafeicultor em Taubaté¹², foi agraciado com o título nobiliárquico em 20 de agosto de 1889, poucos meses antes da Proclamação da República. Tenente-coronel da Guarda Nacional, ocupou os cargos de juiz de órfãos, vereador e presidente da Câmara, entre os anos de 1849-1890, presidindo “a última Câmara Municipal do período monárquico, e a primeira Câmara Republicana.” (Abreu, 1985, p. 62). Foi um dos mantenedores do Externato São José e provedor da Mesa Regedora da Irmandade de Misericórdia do Hospital Santa Isabel, de Taubaté. Foi também presidente do antigo Banco Norte de São Paulo (Pasin, 2001, p. 117). Está sepultado no Cemitério da Venerável Ordem Terceira de Taubaté.

Com base em extensa pesquisa genealógica, chegamos a poucos dados no que se refere à ascendência paterna de Francisco Gomes Vieira. Mais prolífica é a informação sobre sua ascendência materna, que consta em Leme (1903, v.1), no capítulo referente aos Camargo de São Paulo. Resumem-se no quadro a seguir as informações de que atualmente dispomos sobre os pais e os avós do Coronel.

12 O Barão possuía as seguintes fazendas: Fortaleza, Quilombo, Ermo, Santa Maria, Pedra Negra, Boa Esperança e Independência. Segundo Polesi, “suas terras chegaram a um total de 1260 alqueires mais ou menos” (Polesi, 1981, p. 32). A autora afirma ainda que o café produzido nas fazendas do Barão era de alta qualidade e que por isso “foi premiado com Menção Honrosa na Exposição Internacional de Nice em 1885.” (Polesi, 1981, p. 32).

| | | |
|--|---|--|
| Luiz Vieira da Silva (†15/01/1844) | Manoel Gomes Vieira, Barão de Pedra Negra (*31/03/1821-†05/10/1902) | Coronel Francisco Gomes Vieira (*15/12/1847-†03/01/1934) |
| Inês Maria do Rosário (†23/09/1843) | | |
| Capitão Francisco Gomes de Araújo | Mariana de Camargo (†02/08/1877) | |
| Clara Delfina de Camargo | | |

Quadro 1. Genealogia do Coronel Francisco Gomes Vieira¹³

3 COMENTÁRIO FILOLÓGICO ÀS CARTAS TRANSCRITAS

O enfoque filológico sobre as cartas, além da transcrição fidedigna em si, visa a uma breve descrição de seus principais aspectos codicológicos e paleográficos.

A carta autógrafa de Manoel Gomes Vieira Júnior (n. 1), datada de 8 de abril de 1884, foi escrita em Paris. Encontra-se no Arquivo Histórico de Taubaté Felix Guisard Filho, depositada na caixa n. 9, no fundo do Acervo Pessoal da Fazenda Quilombo. É bom o seu estado de conservação, embora tenha algumas marcas da ação de papirófagos nas margens. Foi higienizada e hoje encontra-se preservada da continuidade de deterioração. Está armazenada em uma caixa de material plástico verde, com outras cartas e diversos documentos da administração da fazenda Quilombo, guardados em envelopes de papel pardo, separados por remetente. Todos os envelopes estão acondicionados em um saco plástico

13 Para a elaboração deste quadro, foram consultados os seguintes documentos do Arquivo Histórico de Taubaté: Inventário de Luiz Vieira da Silva e de sua mulher (1844. C. 2.º O., CX. 1844); e Inventário do Barão de Pedra Negra (1902. C. 1.º O., CX. 1902). As datas de óbito respectivamente de Mariana de Camargo e do Coronel Francisco Gomes Vieira constam em sua sepultura. O falecimento do Coronel foi publicado na *Folha de Taubaté* (07/01/1934, p. 2-3), nos seguintes termos: “Falleceu quarta-feira ultima, com a idade de 86 annos, o venerando coronel Francisco Gomes Vieira [...]”. Há referências ao seu aniversário no jornal *O Norte* (14/12/1921, p. 1; 17/12/1922, p. 1).

para folhas A4. As observações feitas neste parágrafo, sobre conservação e acondicionamento, aplicam-se também às cartas n. 2 e 3.

Os fólhos da carta n. 1 apresentam vinco de dobra horizontal. O texto ocupa o primeiro fólho de um bifólho. A tinta é de cor sépia. Os fólhos medem 201 mm x 124 mm. Dimensão da mancha: 1r.: 189 mm x 100 mm; 1v.: 177 mm x 112 mm; 1 coluna; número de linhas variável: 1r.: 24 linhas, 1v.: 21 linhas. Sem pauta. O papel apresenta linha-de-água. Distância entre pontusais: 22 mm; distância entre vergaturas: 1 mm. Filigrana: inscrição *Original Stair Smill* e um leão sobre uma coroa; figura de 70 mm x 65 mm, no ponto maior dela. Localização ao centro do bifólho. A dimensão da filigrana indicia que a folha original era de tamanho maior.

A carta autógrafa de Maria Guimarães Vieira (n. 2), datada de 28 de junho de 1889, foi redigida no Rio de Janeiro. Encontra-se no Arquivo Histórico de Taubaté Felix Guisard Filho, depositada na caixa n. 9, no fundo do Acervo Pessoal da Fazenda Quilombo. Os fólhos da carta apresentam dobra horizontal. O texto ocupa dois fólhos de um bifólho. A tinta é de cor azulada. Os fólhos medem 204 mm x 130 mm. Dimensão da mancha: 1r.: 189 mm x 123 mm; 1v.: 169 mm x 119 mm; 2r.: 55 mm x 116 mm; 1 coluna; número de linhas variável: 1r.: 20 linhas, 1v.: 21 linhas, 2r.: 6 linhas. Com pauta. O papel apresenta linha-de-água. Distância entre pontusais: 24 mm; distância entre vergaturas: 1 mm. Filigrana: inscrição *Orig[inal] Delta Su[ilegível]ne*. Como o bifólho foi cortado, não se vê a filigrana inteiramente. Há somente uma pequena parte da figura nas margens superior e inferior. As pontusais estão na horizontal, paralelas às linhas do texto.

A carta autógrafa de Manoel Gomes Vieira (n. 3) não tem data cronológica nem tópica. Será provavelmente do início de 1888 ou anterior, pelo assunto tratado. Assim como as missivas anteriormente descritas, encontra-se no Arquivo Histórico de Taubaté Felix Guisard Filho, depositada na caixa n. 9, no fundo do Acervo Pessoal da Fazenda Quilombo. Diferentemente do que ocorre nas cartas n.s 1 e 2, o fólho da carta n. 3 apresenta duas dobras: horizontal e vertical. A carta foi escrita em um fólho. A tinta é de cor sépia. O fólho mede 210 mm x 135 mm. Dimensão da mancha: 1r.: 149 mm x 135 mm; 1 coluna; número de linhas: 1r.: 17 linhas. Com pauta. O papel apresenta linha-de-água. Distância entre pontusais: 21 mm; distância entre vergaturas 2 mm; não há filigrana. As pontusais estão na horizontal, paralelas às linhas do texto.

O modelo caligráfico seguido nas três cartas é o da manuscrita inglesa, ou *roundhand*¹⁴. A letra manuscrita inglesa é talvez a mais difundida internacionalmente a partir do século XIX. Descende diretamente das escritas do século XVII, que, por sua vez, remontam à chancelaresca e à humanística. Nas três

14 Para um modelo da cursiva inglesa e do seu aprendizado, cf. Robertson (1830).

cartas examinadas, evidenciam-se as realizações individuais do modelo de letra manuscrita inglesa. É um tipo de letra que se traça com pena metálica de ponta fina, apresentando como características gerais o traço fino inclinado a 54 graus em relação à pauta, mais pesado quando descendente e mais leve quando ascendente (Nesbitt, 1957, p. 151; Sold, 2008, p. 127). Embora o modelo caligráfico seja o mesmo, há visível variação quanto ao apuro da letra, numa progressão decrescente da carta n. 2 à n. 1 e à n. 3¹⁵.

Por serem autógrafos de circulação privada, os textos são menos cuidados do que seriam, por exemplo, os da correspondência administrativa ou oficial. São evidências de descuido os frequentes riscados em curso de escrita ou correções feitas após releitura, sem terem sido os textos passados a limpo. A caligrafia pode ser mais ou menos apurada, as abreviaturas são frequentes e há presença de traços de oralidade, por vezes inadequados a um texto escrito conforme o padrão culto da época¹⁶.

Riscados ocorrem na carta n. 1, gerando emendas imediatas, isto é, que ocorrem no processo da escrita. Na carta n. 2, há sobreposição de palavras ou partes de palavra, resultante também de emendas imediatas. Na carta n. 3, há um acréscimo na entrelinha, que parece ser uma emenda mediata, isto é, resultante de releitura.

4 TRANSCRIÇÃO DAS CARTAS

Na transcrição das cartas, seguem-se normas semidiplomáticas (Megale, Toledo Neto, 2006, p. 147-148). Conforme as normas seguidas, a intervenção do editor ocorre principalmente no desdobramento de abreviaturas e na apresentação do texto de forma contínua, com as marcações de mudança de linha e de fôlio. Diferentemente do que propõem as normas indicadas, porém, a numeração das linhas da transcrição é marcada aqui, de cinco em cinco, por número sobrescrito no início da primeira palavra da linha assinalada.

15 No Brasil, de meados do século XIX a meados do século XX, aproximadamente, usavam-se os paleógrafos como base para o aprendizado da caligrafia. Chamam-se de paleógrafos os livros impresos em que se aprende a leitura de caracteres manuscritos. É provável que o modelo caligráfico das cartas aqui transcritas siga o dos paleógrafos do período. Cf. Batista (2005).

16 O português padrão culto do século XIX no Brasil vem ganhando contornos mais definidos a partir de estudos desenvolvidos no âmbito do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>).

4.1 Carta n. 1

|1r.|Paris, 8 de Abril de 1884

Chiquinho

Recebi hoje, quando chego de vol_ | ta da Italia, as tuas cartas, de 2 | de Fevereiro e de 9 de Março.

⁵Por ambas sei que não há no- | vidade ahi por casa, de que estimo

Sinto saber que o nosso *Doutor* Souza | Alves ainda continúa duente, assim | como o Santos que dizes soffrer o mesmo | encommo do Souza.

Por esta soube ta[m]bem que o tio *Antonio* | Firm[in]o esteve doente, pois já estimo | s[a]ber que já está bom, assim como | a Tia Placidina, que como disestes na | ultima carta, enspirava-me ¹⁰cuidado, quanto | o do tio *Antonio* ainda não me tinhas mandado di_ | zer.

Eu, com a muita viagem de estrada de ferro, | fiquei bem constipado, o que tem me aborrecido | muito.

É bem provavel que em fins de Maio | ou meado de Junho, esteja de volta para ahi, | só espero pelo *dinheiro* que mandei pedir a meu |1v.|Pai, que é para comprar alguma | cousa para levar.

¹⁵Pois na verdade, isto | por aqui é muito bom, porem tudo | depende de *dinheiro* e allem disso as sau_ | dades apertão quando se vê tanta cousa | e ao mesmo tempo lembra-se que está-se tão | longe da Familia.

Há 3 dias estive em Milão e lá ouvi | cantar no grande Theatro Escalar, que dizem ser | um dos maires¹⁷ Theatro do mu[n]do. Ouvi uma | bonita opera (*Gioconda*) pois pretendo fazer | uma ²⁰collecção destas musicas *para* levař.las

Quanto as encommendas farei tudo o possivel | para agradar a Filloca, o que Ella não fez bem | foi não mandar a medida dos vestidos, que podia | tirar por uma fita, o comprimento do corpinho e | da saia, o que viria bem dobradinho dentro | de uma carta.

Lembranças a todos e um beijinho | em Nhonhô. | [espaço] Teu mano e amigo

²⁵Maneco

Note Bem Já encontrei aqui no | Hotel o café que me | mandaste. pois vamos | experimenta-lo

4.2 Carta n. 2

|1r.|Côrte, 28 de Junho de 89.

Chiquinho,

Fiquei bastante satisfeita com a | noticia que me déstes d'ahi.

Vou passando bem e Sinházinha | melhor; hoje tomamos o segundo | banho de mar: é uma ⁵distração | agradável *para* mim, o mar tem | estado muito manso e a prai[a] | e muito bôa, não têmho tido | medo algum;

17 *maires* por *maiores*.

Hontem, foi o Nunes que foi con | nosco e hoje, foi Papáe.
 Temos lá um quartinho alugado e | um banhista.
 Não t' esqueças de arranjar¹⁸ convenien|temente o presente de Maria Francisca¹⁹ | e mandar-lhe.
¹⁰Tenho tido muitas saudades de | Lulu e de ti.
 |lv.|Estou com minha viagem ma_r | cada, porem, Papáe ainda hoje | pediu-me que por
 enquanto, não |fallasse em viagem em minhas | cartas.
 Fui a Cidade hontem experimentar | um²⁰ vestido e visitar *Doutor* Chiquinh[o],
 O que me dizes do projecto de | Manéco? é preciso bem ver o que | se faz:
¹⁵Adeus Chiquinho, lembro-me sempre | de ti, porem só te escreverei quando | fôr possível.
 Beija muito Lulu e falle sempre | em mim, com elle.
 Sinházinha e o Nunes. pedem-me *para* | recommendal-os a ti e a seu Papáe.
 Aceite minhas saudades de
 Tua amiga *muíto* dedicáda.
²⁰Filoca.
 A noite, quando estiveres d[es]can[sa]ndo, lembra_s |te sempre, de escrever-me.
 Conta-me²¹ tudo o que vai por ahí.
Senhor Frederico já esta ahí?
 Adeus! recommende-me a todos de²² |casa. [espaço] A mesma.
²⁵Remetto a nota.

4.3 Carta n. 3

|1r.|*Chiquinho*
 Estimarei que passem bem,
 Nos fizemos boa viagem e | passamos bem [espaço] Vaó com o Urbano | 7 escravos *que* fo-
 rão de Nha Alves, <=com os *seos ingenuos*,=> = Sendo | Joaquim cazado com Gezuina – |
⁵Joaquina com 2 *filhos* ingenuos, Benedicta | com 2 filhos ingenuos – Valentina com | ù ..
 Benedicto – : José, [espaço] Estis es- | cravos parecem ser bons, entretanto | se conforme
 procederem não nos |convier, pede-se exoneração de | depositario dos *mesmos*.
 Acommode-os²³ como convier
 Lembranças a Filoca e Charinha
¹⁰O Vosso Pai
 Vieira

18 *rr* sobreposto a *n*.

19 *Francisa* por *Francisca*.

20 *um* sobreposto a *a*.

21 *a* sobreposto a *e*.

22 *e* sobreposto a *ahi*.

23 segundo *m* sobreposto a *o*.

5 FAC-SÍMILES E RETRATOS

Paris, 8 de Abril de 1884

Chiquinho

Recebi hoje, quanto chego de volta da Itália, as tuas cartas, de 2 de Fevereiro e de 9 de Março.

Por ambas sei que não há novidade ali por casa, de que estivesse.

Sinto saber que o novo Sr. Sauer Alves ainda continúa diante, assim como o Santos que diras soffeo o mesmo encanado do Sauer.

Por esta soube também que o tio Antão Formoso esteve diante, pois já estivesse saber que já está bom, assim como a tia Thacilina, que como dizias na ultima carta, conspirava-me a amizade quanto a do tio Antão ainda não me tinhas mandado dizer.

Eu, com a muita viagem de estrada de ferro, fiquei bem constipado, o que tem me aborrecido muito.

É bem provavel que em fim de Maio ou meado de Junho, esteja de volta para ali, só espero pelo Sr. quez mondei pedir a minha.

Fac-símile 1. Fólio 1r da carta n. 1.

Corte, 28 de Junho de 89.

Chiquinho,

Fiquei bastante satisfeito com a
 noticia que me destes d'ahi.
 Vou passando bem e Sinhazinha
 melhor; hoje tomamos o segundo
 banho de mar; é uma distração
 agradável p. mim, o mar tem
 estado muito manso e a praia
 é muito boa, não tenho tido
 medo algum.

Ontem, foi o Pernes que foi em
 nozes e hoje, foi Capão.
 Temos lá um quartinho alugado e
 um banheiro.

Não esqueço de avançar convenientemente
 o presente de Maria Francisca
 e mandar-lhe.

Com tido muitos saudades de
 Sala e de ti.

Fac-símile 2. Fólio 1r da carta n. 2.

Espig.

Estimam-se que pensem bem,
 Nos firmamos sua viagem —
 passemos bem vos com a Urbana
 e escr.ª S.ª, f.ª de M.ª Alves, = ^{com as 2 filhas} = ^{de} = ^{de} =
 Joaquina casado com Jerônimo —
 Joaquina com Jerônimo, Benedita
 com 2 filhas menores — Valantina com
 de " Benedito — José, Estis es-
 crevos por um ser bons, e se tanto
 se conformem procederem nos nos
 convios, que se reconhecem de
 depositario de ^{nos} de v.ª

Acomode-os como convier
 S.ª a Filomena e Maria no

O bom dia
 V.ª

Fac-símile 3. Fólio 1r da carta n. 3.



Fotografia 1. Barão de Pedra Negra e sua filha, Cândida Gomes Vieira²⁴.
Fotógrafo: José Vollsack. São Paulo, última década do séc. XIX²⁵.

²⁴ As fotografias 1 e 2 pertencem atualmente ao acervo do Arquivo Histórico de Taubaté. Suas cotas são respectivamente: AHMT, pasta família Vieira, 1; e AHMT, pasta família Vieira, 3.

²⁵ Conforme Kossoy (2002, p. 325), a partir de 1887, o fotógrafo José Vollsack sucede Alberto Henschel na casa filial da *Photographia Allemã*, em São Paulo. Adota o nome comercial Henschel



Fotografia 2. Luiz Guimarães Vieira (1.º à esquerda) e seus pais, Cel. Francisco Gomes Vieira e Maria Guimarães Vieira. Fazenda Quilombo, s.d.

& Cia. em 1891 e permanece em atividade até 1912. A partir dos primeiros anos do século XX, o fotógrafo identifica-se apenas como José Vollsack, como se vê em retratos reproduzidos em Moura (1983, p. 109 e 165).

6 CARTAS PARTICULARES: DOCUMENTOS DE NATUREZA HÍBRIDA

A transcrição e os comentários apresentados evidenciam que cartas particulares autógrafas manuscritas são, de modo geral, um tipo de documento que, por sua própria destinação, permite a presença de marcas de correção e de menor cuidado de apresentação do que se teria em uma cópia a limpo ou na correspondência oficial. A esse respeito chama a atenção Anastácio, ao tratar de cartas trocadas entre mulheres da aristocracia portuguesa, no século XVIII, quando afirma que: “... o autógrafo da carta íntima constitui um documento de *natureza híbrida*, situado num ponto intermédio entre o manuscrito de trabalho e a cópia a limpo.” (Anastácio, 2007, p. LIX). Como afirma a autora logo a seguir, a natureza híbrida das cartas autógrafas permite identificar pormenores de uso da língua e da sua fixação escrita num determinado momento, por um determinado autor, que seria difícil de colher em outras fontes²⁶.

No caso das cartas transcritas neste estudo, traços prováveis da oralidade dos escribas deixam-se transparecer, como, por exemplo, o emprego recorrente de diminutivos, como *corpinho* (1,23), *dobradinho* (1,23) e *quartinho* (2,8). A flexão do verbo no tratamento de interlocutor apresenta variação: em uma mesma carta, podem-se encontrar verbos na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na segunda pessoa do plural, associados sempre a um mesmo interlocutor, tratado por *tu*. São exemplos como *disestes na | ultima carta* (1,9); *o café que me | mandaste* (1,26); *Fiquei bastante satisfeita com a | noticia que me destes d’ahi.* (2,3); *O que me dizes do projecto de | Manéco?* (2,14); *Beija muito Lulu e falle sempre | em mim, com elle.* (2,16). O recorrente emprego de alcunhas: *Chiquinho*, *Filoca*, *Nhonhô*, *Maneco* etc. e exemplo de falta de flexão nominal, em *maires Teatro* (1,19), corroboram a informalidade de estilo na carta íntima. Junte-se a essas características a já referida sucessão de emendas textuais autógrafas, que podem indicar não só as opções estilísticas, mas também a consciência do escriba quanto a um padrão linguístico vigente, a ser respeitado. O menor cuidado e a informalidade na execução do texto dão, portanto, especial relevância às cartas familiares, para as pesquisas filológicas e histórico-linguísticas sobre o período estudado.

26 Para compreender melhor a denominação empregada pela pesquisadora, no âmbito da gênese documental conforme propõe a Diplomática, poderíamos situar a carta particular entre a minuta e o texto passado a limpo (*mundum*). Cf. Terrero (2000, p. 238).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho, em andamento, já traz alguns resultados e levanta questões que, verificadas em um *corpus* mais amplo, poderão contribuir para caracterizar aspectos filológicos e linguísticos de manuscritos com as características dos que são aqui transcritos. Apontamos a seguir algumas dessas questões. A existência de diferentes papéis utilizados como suporte para a escrita aponta para o interesse de fazer-se uma descrição sistemática desses resultados, como já foi feito em trabalhos com documentação setecentista²⁷, considerando-se inclusive a circulação de papéis em âmbito local e nacional. Os modelos caligráficos transmitidos e aprendidos levam-nos a perguntar quais eram os modelos caligráficos efetivamente praticados no período e quais as suas características paleográficas. Um exame atento das emendas textuais em autógrafos, como os transcritos neste estudo, pode fornecer informações relevantes sobre as características de um padrão linguístico praticado na época e da consciência dos escribas a seu respeito. As marcas de oralidade que, por inabilidade ou descuido, ocorrem nos textos também fornecem indícios da prática da escrita à época e merecem um estudo especialmente atento.

REFERÊNCIAS

Abreu MM. Taubaté: de núcleo irradiador de bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba. Taubaté: Santuário; 1985.

Almanack Ilustrado. Taubaté: Ed. Rabello & Cia; 1905.

Anastácio V, organizador. Cartas de Lília e Tirse (1771-1777). Lisboa: Colibri; 2007.

Barata CEA, Bueno AHC. Dicionário das famílias brasileiras. São Paulo: Ibero-América; 1999.

Batista AAG. Papéis velhos, manuscritos impressos: paleógrafos ou livros de leitura manuscrita. In: Abreu M, Schapochnik N, organizadores. Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras; 2005. p. 87-116.

Castro I. Introdução à história do português. 2. ed. Lisboa: Colibri; 2006.

Folha de Taubaté. Taubaté. 1934, 07 jan;86:2-3.

27 Cf., por exemplo, Mota (2011) e Schreiner (2007).

Gazeta de Taubaté. Taubaté. 1884, 25 set;49:2-3.

Guisard Filho F. Atas da câmara de Taubaté V (1823-1837 e 1880-1883). São Paulo: Empresa Editora Universal; 1944.

Kossov B. Dicionário histórico-fotográfico brasileiro. São Paulo: Instituto Moreira Salles; 2002.

Leme LGS. Genealogia paulistana. São Paulo: Duprat & Comp; 1903-1904. 3 vol.

Lobo T, organizador. Cartas baianas setecentistas. São Paulo: Humanitas; 2001.

Malatian T. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: Pinsky CB, organizador. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto; 2009. p. 195-221.

Megale H, Toledo Neto SA, organizadores. Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII. São Paulo: Ateliê Editorial; 2006.

Mónica MF. Isabel, condessa de Rio Maior: correspondência para seus filhos 1852/1865. 2. ed. Lisboa: Quetzal; 2004.

Monte VM. Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775) [tese de doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2013.

Mota ACAA. Documentos avulsos do Convento da Lapa (Salvador, Bahia, séculos XVIII e XIX): Edição e estudo. [dissertação de mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2011.

Moura CEM, organizador. Retratos quase inocentes. São Paulo: Nobel; 1983.

Nesbitt A. The history and technique of lettering. New York: Dover; 1957.

O Norte. Taubaté. 1921, 14 dez;2292:1.

O Norte. Taubaté. 1922, 17 dez;2442:1.

Ortiz JB, organizador. Atas do conselho da intendência municipal; atas da câmara de Taubaté. Taubaté: Prefeitura Municipal de Taubaté; 1999.

Pasin JL. Os barões do café: titulares do império no Vale do Paraíba paulista. Aparecida: Vale Livros; 2001.

Passarelli U. Contribuição à história de Taubaté: denominação de vias e logradouros públicos. Taubaté: JAC Gráfica e Editora; 1996.

Polesi O, Magalhães WM, Silva HMMB. Bonfim, Fortaleza, Santa Leonor. Ed. Hamburg; 1981.

Robertson J. The universal penman. Edinburgh: Stirling & Kenney; 1830.

Rumeu MCB. Para uma história do português no Brasil e do Brasil: edição de cartas setecentistas, oitocentistas e novecentistas. Caligrama. 2010;15(2):133-160.

Schreiner C. Edição semidiplomática de documentos manuscritos catarinenses do século XVIII: livro de Ofícios do vice-rei para o governador da capitania (1793-1798) [dissertação de mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2007.

Stussi A. Introduzione agli studi di filologia italiana. Bologna: il Mulino; 2007.

Sold J. Et si j'apprenais la calligraphie. Paris: Éditions Place des Victoires; 2008.

Terrero ÁR. Introducción a la paleografía y la diplomática general. Madrid: Síntesis; 2000.

Recebido em: 15/11/13

Aprovado em: 07/05/14